

Filme de Jafar Panahi se vinga do fanatismo religioso e político

- Valor, 12.dez.2025
- Mario Sergio Conti
- **'Foi Apenas um Acidente' ganhou a Palma de Ouro em Cannes. Longa do diretor iraniano é claustrofóbico, difícil de ver.**

O islã tem uma relação tensa com figuras humanas. Alguns muçulmanos dizem que elas levam à idolatria, um pecado capital. Outros, que criar gente é atributo de Alá, não de artistas. E há quem fale que, ao se pôr imagens abstratas no lugar de corpos, a religião islâmica evidencia o predomínio do espírito sobre a carne.

É por isso que as mesquitas, ao contrário das igrejas católicas, não mostram indivíduos, divindades, mesmo Maomé. A decoração tem padrões geométricos: grafismos, arabescos, mosaicos, caligrafias de versículos do Alcorão. E o cinema, a arte das imagens em movimento, como fica?

Cinemas foram depredados na Revolução Iraniana de 1979 por veicularem valores ocidentais, portanto perniciosos. O clero xiita tomou o poder e impôs um código puritano; proibiu nudez, adultério, bandidos empáticos, tráfico, brutalidade, mulheres sem véu, críticas ao regime.

Aí deu-se o inesperado, o inimaginável: o cinema iraniano floresceu, virou o xodó de festivais e cinemaníacos mundo afora e, apesar do tacão da teocracia, ficou popular no [Irã](#).

São coisas que acontecem sem que se saiba direito por quê. Na Toscana do século 14, houve Leonardo e Michelângelo. Na Rússia do 19, Tolstói e Dostoiévski. No Irã do fim do 20 e início do 21, Abbas Kiarostami e Jafar Panahi. As três duplas não têm nada a ver entre si — salvo a irrupção enigmática de um modo de ver a vida, de uma arte inventiva, intensa.

No caso do cinema persa, há uma explicação de fundo formal. Seus filmes são produto de um embate milenar, iniciado nos tempos do Profeta, em torno das imagens de crianças, mulheres e homens. Perguntar como representá-los implica pensar quem são, o que é a espécie humana.

Os filmes de Jafar Panahi não tratam dessa questão de maneira abstrata. Expõem o Irã de aqui e agora, o cotidiano atabalhoado de sua gente, as mazelas impostas a pobres, remediados, cineastas como ele —os que se propõem não só a mostrar o que se passa mas a criar uma linguagem que incorpore a realidade na sua forma, em filmes, arte.

Está em cartaz o último filme de Jafar Panahi, "[Foi Apenas um Acidente](#)". Ganhou a Palma de Ouro em Cannes e disputa com "O Agente Secreto" uma indicação ao Oscar. É o seu filme mais político e um dos poucos em que não aparece, seja como ator, seja como ele mesmo.

Embora tenha feito 12 longas-metragens, Panahi é mais conhecido pelo ativismo. Condenado por propaganda contra o regime, ficou dez meses encarcerado. Proibiram-no de sair do país por 14 anos; ou melhor, só poderia sair se fosse em peregrinação a Meca. Agora há pouco, no dia 1º, pegou um ano de cadeia por denegrir o sistema político.

Os aiatolás dificultam que faça filmes, e ele os dirige escondido. Vetam sua exibição, e eles circulam em DVDs pirata. Proíbem que sejam exportados, e são contrabandeados para a Europa. Sua militância é admirável, mas às vezes se presta mais atenção nela do que nos filmes. É pena, porque sua estética é o que conta, e ela é política.

Um mecânico escuta o ruído da prótese na perna de um passante em "Foi Apenas um Acidente". O barulho é igual ao do torturador que o massacrara anos antes —e a quem nunca viu, pois ele lhe vendava os olhos. Sua certeza é tanta que ataca o manco e o põe num baú, dentro de uma van.

Como o sequestrado brada que nunca seviciou ninguém, o mecânico busca outros torturados pelo capenga para que atestem que é mesmo ele o algoz. O filme é um thriller sobre vingança, uma farsa a respeito da ação grupal, uma parábola de humor negro, uma tragicomédia absurda que cita "Esperando Godot", de Samuel Beckett.

São cinco pobres diabos em busca de justiça, o que significa trucidar quem os fez sofrer — caso seja de fato o torturador. Berram o tempo todo. Seus argumentos pró e contra a revanche se anulam. Parte do filme se passa numa van para mimetizar a masmorra onde padeceram. O pó cobre ruas e estradas. O sol ensandece como n'"O Estrangeiro", de Albert Camus.

"Foi Apenas um Acidente" é claustrofóbico, exasperante, difícil de ver. Lá e cá a corrupção campeia. Se no filme policiais pançudos andam com uma maquininha de cartão de débito para recolher propinas, aqui funcionários anteontem cobravam para ligar a luz elétrica.

A corrupção permeia a linguagem que naturaliza a opressão. É dela que o cinema de Panahi se vinga, do fanatismo religioso e político. Ele fecha o foco na gente comum e adota o dito de Glauber Rocha: "No cinema, como na vida, o que vale é o bicho homem".